

«JENNIFER HILLIER É A MESTRE DO SUSPENSE!»

FREIDA McFADDEN

CORAÇÕES DE VIDRO

O PASSADO ESCONDE
UMA VERDADE MORTAL

JENNIFER HILLIER

AUTORA BESTSELLER DO *USA TODAY*



Para Darren e Mox

Caro Leitor,

Enquanto autora de *thrillers* psicológicos, o meu desejo é entreter os leitores com livros que exploram o lado mais negro do comportamento humano. Embora saiba que a maior parte dos amantes de *thrillers* apreciam estas histórias, compreendo que algum conteúdo possa ser perturbador. Peço que tenham em atenção que este romance contém referências a homicídio, agressão sexual, violência, abuso de substâncias, doenças terminais e trauma físico e emocional.

Muito obrigada por lerem, e espero que desfrutem de *Corações de Vidro*!

Com a maior consideração,
Jennifer Hillier

PARTE UM

*Tudo o que somos é o resultado
do que pensámos.*

BUDA

Criminal Confessions, Temporada 7: **O Assassino do Parque de Diversões**

EPISÓDIO 1 — ENTREVISTA NÃO EDITADA COM SAMUEL FIGG

*Local: Penitenciária Estadual Masculina de Washington,
Walla Walla, WA*

JANA JONES [PRODUTORA, EM OFF]: Vamos começar por uma apresentação. Pode olhar diretamente para a câmara e dizer-nos quem é, por favor?

SAMUEL FIGG: Quer só o meu nome? Ou porque é que fui dentro?

JONES: Que tal ambos? Quer ensaiar primeiro?

FIGG: Não, eu consigo. [olha para a câmara e sorri] Chamo-me Samuel Figg...

JONES: Talvez sem sorrir. Parece... estranho. Como se não levasse isto a sério.

FIGG: Não levo isto a sério. Concordei em participar num documentário qualquer que nem vou poder ver e que não vai mudar absolutamente nada.

JONES: Pode só tentar outra vez com uma expressão neutra?

FIGG: [olha para a câmara] O meu nome é Samuel Figg. Tenho 54 anos e nasci numa pequena cidade no Arkansas, da qual garanto que nunca ouviram falar.

JONES: Continue.

FIGG: Estou a cumprir cinco penas perpétuas consecutivas por homicídio qualificado, aqui na Penitenciária Estadual de Washington, onde estou preso há vinte e cinco anos. Estou muito longe de casa. [levanta os braços e chocalha as correntes que o algemam à mesa]

JONES: É culpado?

FIGG: Claro que sim, porra. Sou culpado.

JONES: Porque é que aceitou participar neste documentário?

FIGG: Porque você é tão bonita e pediu com tanto jeitinho. [ri-se]

JONES: [suspira] Tente de novo.

FIGG: Concordei em falar consigo porque passei aqui quase metade da minha vida e vou morrer aqui. E não tenho nada a perder contando a verdade.

JONES: E qual é a verdade?

FIGG: Que matei quatro mulheres no verão de 2001.

JONES: [pausa, som de papéis remexidos] Quer dizer *cinco* mulheres.

FIGG: Eu disse quatro.

JONES: Declarou-se culpado de cinco homicídios, Sr. Figg. Está a cumprir cinco penas perpétuas.

FIGG: Eu sei o que estou a cumprir, lindinha. Mas disse que queria a verdade. Matei quatro mulheres, não cinco. Esta é a verdade.

CAPÍTULO 1

O homem que, vinte e cinco anos antes, se apresentara como «Sam» não parecia um *serial killer*. Isso tinha sido apenas um acaso terrível.

Barb Bonifacio dera o seu melhor para seguir em frente depois da noite fatídica em que Lorelei tinha morrido e tudo mudara, repentina e irrevogavelmente. Não é algo fácil de se fazer, especialmente vivendo em Seaside, onde há memórias da sua melhor amiga por todo o lado. Por exemplo, a extensão de praia onde se encontra agora, com uma vista desimpedida para o abominável perfil do Wonderland, local onde tinham conhecido Sam.

Barb obriga-se a desviar o olhar do parque de diversões. A mulher que está a entrevistar merece a sua atenção total, pelo que aproxima mais o telemóvel do queixo de Edna Sparrow, de maneira a que não escape nada ao gravador.

— Ao longe, pensei que era um bocado de madeira que tinha dado à costa — diz Edna Sparrow com um calafrio. — Mas não. Não era nada que se parecesse com isso.

Barb assente com a cabeça, contendo um bocejo. Não é que a descoberta de um pé decepado na praia não seja interessante, mas Barb tornara-se um pouco dessensibilizada a coisas deste género, sobretudo desde que começara a trabalhar como *freelancer* para o *Chronicle*. Estamos em Seaside. Aqui estão sempre a acontecer coisas macabras.

— Eu estava sentada precisamente ali, naquela mesa de piquenique, a tomar o meu café matinal e a ver o nascer do Sol, como sempre faço. — Edna aponta para um local perto da água, mesmo atrás da fita amarela da polícia. — Então, o *O'Henry* começa a ladrar e a escavar na areia. Vi que era um sapato. A princípio, não dei muita importância. A esta hora, há sempre qualquer coisa a dar à costa. Tem que ver com a direção das marés e o fluxo da água a certas horas do dia, que faz as coisas flutuarem para...

— Certo — diz Barb, disfarçando mais um bocejo com uma tosse de encontro à dobra do braço. — E quando é que percebeu que não era apenas um sapato?

— Quando ele o deixou cair junto dos meus pés e eu lhe peguei. — Edna estremece novamente. — O meu dedo tocou numa coisa pegajosa, eu olhei lá para dentro e então...

— Gritou como uma louca — interrompe Eileen Sparrow. Barb quase esquecera que a gémea idêntica de Edna estava ali. — Gritou tão alto que eu a ouvi no alpendre, e sabe que vivemos a meio da colina.

— Foi quando ligaram para o 911? — pergunta-lhes Barb.

— Não, ligou para mim primeiro — responde Eileen. — A minha irmã não funciona bem durante uma crise.

— Precisava de ter a certeza de que não estava a imaginar coisas antes de chamar a polícia — riposta Edna. — Não queria arranjar uma confusão e desperdiçar recursos valiosos que a cidade quase não tem.

— Estava mesmo um pé inteiro dentro do sapato — diz Eileen para Barb. — É uma coisa que, depois de vermos, não podemos desver, sabe?

As irmãs Sparrow partilham uma casa no condomínio privado conhecido como Legacy Sands desde que nasceram. Uma foi diretora da escola secundária; a outra continua a cortar cabelo num salão na Main Street. Noutros tempos, uma era loira e a outra, morena, e era fácil distingui-las. Mas agora tinham deixado o cabelo embranquecer e vestiam-se de forma semelhante, com bermudas, sapatos de corrida e *sweatshirts* em tons pastel.

— Quando ela me ligou e disse que tinha encontrado um pé, pensei que estava a brincar comigo — diz Eileen. — Mas, afinal, era exatamente isso.

— Eu não ia brincar com o facto de ter encontrado uma parte de um corpo humano. — Edna fita intensamente a irmã. — Não tem graça nenhuma.

— Claro que não — diz Eileen —, mas tu estás sempre a pregar partidas estúpidas.

Barb pigarreia.

— E foi enquanto esperavam que a polícia chegasse que encontraram o resto do corpo?

— Não fomos *nós*. — Edna aponta para uma árvore onde dois *bernedoodles* dormiam, apesar do alvoroço. — Foram os cães. Quando a Edna ligou, eu trouxe o *Snickers* comigo para a praia. Ele e o *O'Henry* são do mesmo criador...

— Arranjámo-los ao mesmo tempo, apesar de terem mães diferentes — diz Eileen.

— E então eles começaram a ladrar. Pareciam doidos — conclui Edna. Isto é, Barb acha que é Edna. Já se perdeu. — Foi quando vimos parte de uma perna, escondida pelo tronco de árvore. Primeiro pensámos que também estava cortada...

— Graças a Deus que não estava...

— Mas foi então que vimos o resto do corpo e ligámos para o 911.

— *Eu* liguei para o 911 — diz Eileen. — Tu estavas demasiado perturbada.

— Bem, considerando que tinha estado a segurar num pé, acho que *perturbada* é uma reação normal — diz Edna com rispidez. — Não concorda, Barbara?

Ambas as mulheres se viram para ela.

— Concordo, Menina Sparrow — diz Barb. *É definitivamente a Edna*, pensa, a sua mente voltando àquele dia de junho há mais de duas décadas, quando a diretora Sparrow se dirigira à sua turma do 12.º ano a partir de um pódio colocado no campo de futebol americano da secundária de Seaside. *Alguns de vós partirão desta cidade para a vossa próxima grande aventura...*

E outros não. Barb imaginara que, por esta altura, estaria a escrever *bestsellers* numa *penthouse* em Manhattan, em vez de despachar artigos de duzentas palavras para o jornal de uma cidadezinha que já quase ninguém lia. Mas os seus sonhos tinham morrido na mesma noite que Lorelei.

— Na verdade, é mais comum do que se pensa — diz Eileen num tom pragmático. — Pés a darem à costa, quero eu dizer. Vi recentemente um documentário que explicava porque é que os pés...

— Caramba, os cães estão todos emaranhados — diz Edna, apontando novamente a árvore onde os *bernedoodles* estavam amarrados. Tinham acordado entretanto, de trelas enroladas uma na outra. Tal como as suas proprietárias, os cães eram quase idênticos.

Eileen acena para um homem que os desembaraçava.

— Obrigada, Morris!

Embora não o diga, Barb sabe exatamente a que documentário criminal Eileen Sparrow se refere, porque também o viu. Pés humanos a darem à costa nas margens do Pacífico não é, de facto, nada de novo. Ao longo das últimas duas décadas, foram encontradas quase duas dúzias de pés decepados ao longo da costa, em praias exatamente como esta.

Mas, por mais macabro que pareça, nenhuma dessas instâncias foi considerada criminosa. A análise forense determinou que todos os pés se haviam separado do corpo em resultado de decomposição natural. Por estar envolto num sapato ou numa bota, o pé flutuara até à costa. E à exceção de uns poucos que nunca foram conclusivamente identificados, quase todas as mortes tinham sido por afogamento accidental ou suicídio. Era triste, mas não suspeito.

Hoje, contudo, era diferente. Não só tinha sido encontrado um pé decepado, como também o corpo a que provavelmente pertencia.

— Pensei que tínhamos finalmente ultrapassado todas estas situações macabras — diz Edna, e a irmã assente com a cabeça. Até que enfim, algo em que concordavam. — Parecia que Seaside tinha finalmente virado a página. Com todos os prédios novos e as famílias jovens a mudarem-se para cá, mais a grande reabertura do Wonderland...

— Eu bem te digo, é *por causa* da reabertura do Wonderland — diz Eileen. — Está a trazer essa energia má de volta. Deviam ter deitado aquilo abaixo depois do escândalo, em vez de o venderem a investidores estrangeiros e o remodelarem.

— Bom, os investidores são canadianos. Não são propriamente estrangeiros...

— Sim, mas têm sede no *Quebec*. Falam *français*. E agora, com esta coisa do *Criminal Confessions* a estreiar, é tudo... demasiado. — Eileen acena com a mão.

— Por falar nisso, não vai entrar no programa, pois não, Barbara? — pergunta Edna, de olhos muito abertos.

— Assim até parece que estamos a falar de um musical. Não é um programa, é uma série documental. — Eileen vira-se para Edna.

— Quase me engasguei com o queque quando vi que a próxima

temporada vai ser com o Assassino do Parque de Diversões. Ouvimos dizer que os produtores andam atrás de si para uma entrevista.

Claro que ouviram. Barb apenas mencionara a duas ou três pessoas que uma produtora do programa a contactara, mas em Seaside não é preciso muito mais do que isso.

— Eu disse-lhes que não — responde Barbara. As suas palavras tinham sido, na verdade, «foda-se, nem pensar», mas não podia repeti-las às irmãs Sparrow.

— E também pediram à Nicolette — diz Edna. — Sabe se ela aceitou?

Barb pestaneja.

— A Nicolette? Nós... não temos muitas oportunidades de falar.

Era um eufemismo. Não falava com Nicolette há quase vinte e cinco anos.

— Pobres de vocês, miúdas — diz Eileen, apesar de Barb e Nicolette estarem ambas prestes a fazer 40. — A única coisa para que esse documentário irá servir é para recordar às pessoas que aconteceram coisas más neste sítio.

Mas aconteceram coisas realmente más neste sítio, pensa Barb. Só quando as irmãs a fitam, surpreendidas, é que percebe que disse as palavras em voz alta. Pigarreja.

— Normalmente gosto de ver o *Criminal Confessions*, mas é capaz de ser melhor não ver esta temporada. Mas pronto, agradeço a ambas pelo vosso tempo.

As irmãs vão-se embora para conversar com os vizinhos, a maioria dos quais anda por ali a observar a atividade da polícia. Toda a comunidade de Legacy Sands deve estar na praia naquele momento, arrancados de casa pelas luzes vermelhas e azuis dos carros da polícia a uma hora em que normalmente estariam a tomar café e a ver o *Good Morning America*. Há vários carrinhos de golfe estacionados no início da areia, dado que a estrada que desce para a praia é bastante inclinada. O condomínio privado é composto por cerca de setenta e cinco casas, a maioria das quais é propriedade de reformados cujas famílias vivem aqui há gerações.

Por entre a multidão de espectadores, Barb avista o inspetor da polícia de Seaside que a evitou anteriormente. Gostaria de dizer a si

própria que ele a evitara por ela ser uma repórter intrépida em busca de informações que a polícia não está preparada para dar, mas mais provavelmente era por terem saído juntos algumas vezes uns meses antes, até ela, talvez / mais ou menos / efetivamente lhe ter dado *ghost*.

Namorar é um inferno quando se vive numa cidade pequena. É impossível que não se misture com o trabalho.

— Cam — chama.

A cabeça do inspetor vira-se na direção da voz dela. Quando a vê, faz uma careta e desvia o olhar.

— Cameron — repete mais alto, aproximando-se. — *Detetive Wallace*.

Com um suspiro, Cameron Wallace vira-se finalmente para ela. Está vestido à civil: óculos de aviador espelhados, polo azul-marinho, calças cinzentas, o crachá dourado pendurado num *lanyard* em torno do pescoço. Era óbvio porque é que ela tinha concordado em sair com ele; um tipo solteiro e com bom aspeto, e não há muitos em Seaside que também tenham empregos decentes. Mas a atração física não é tudo. No caso deles, deu para seis encontros no mesmo número de semanas, e depois um par de horas na cama dele antes de ela simular um telefonema de trabalho e sair à pressa. Não era que o sexo tivesse sido mau; até tinha sido muito bom. Foi porque ele tinha acabado de ser promovido a inspetor, e a irmã ia dar uma festa para celebrar a promoção.

«Hum, vou ver a minha agenda e depois digo-te», dissera-lhe Barb enquanto tropeçava pelo quarto seminua, apanhando as roupas do chão. Percebendo que, na pressa de sair, vestira uma velha *T-shirt* dos Nirvana que era dele, começou a tirá-la.

«Não, usa-a», disse ele com um sorriso relaxado, observando-a da cama. «Ficas *sexy* à brava.»

Nunca mais se tinham visto.

— Barb. — O sorriso de Cameron parece forçado. — Há quanto tempo.

Pelos cálculos dela, cerca de dois meses, o que incluía quatro mensagens não respondidas e um longo *voice mail* a perguntar o que é que tinha feito para a chatear. O último contacto era uma chamada embriagada de que talvez ele nem se lembrasse de ter feito.

— Como tens passado, Cam?

— Bem, Barb. Tenho passado bem. Muito trabalho, sabes como é...
 — Interrompe-se e olha em volta, mas não há ninguém por perto que o resgate. Finalmente, baixa o olhar e suspira. — Então, o que posso fazer por ti, Barb?

A forma como diz o seu nome é um pouco desconcertante, considerando que, na sua última vez juntos, estavam nus e ele o dissera de uma maneira muito diferente. Via o seu próprio rosto no reflexo dos óculos dele, pequeno e em forma de lua sob o seu coque casual. Dá por si a desejar ter, pelo menos, usado um *lip gloss*. Abrindo a *app* do gravador de voz, aproxima o telemóvel dele.

— Será possível partilhar alguns detalhes sobre o corpo que foi encontrado?

— É demasiado cedo para comentar o caso.

— Alguma ideia de como a mulher morreu?

— Quem disse que era uma mulher?

Na verdade, ninguém, mas ela tinha de arriscar.

— Posso dar uma olhadela ao cadáver?

— Nem pensar — resmunga o inspetor. — Estão a prepará-la para a autópsia.

Então *era* uma mulher. Barb olha para o local onde a ambulância estacionou em marcha atrás. As portas traseiras estão abertas e o corpo, coberto com uma lona, está a ser erguido por três paramédicos. A parte da frente da maca bate em qualquer coisa e um caracol de cabelo preto e oleoso surge de sob a lona. Barb sente o fôlego ficar-lhe preso na garganta.

Kylie?

Kylie Kahl desapareceu há seis anos. A estrela de *reality shows* era conhecida pelo seu longo cabelo preto, embora não fosse a sua cor natural. Barb nunca a conhecera pessoalmente. A sensação do TikTok que protagonizara um *reality show* chamado *Trophy Wives* desaparecera num trilho em Seaside poucos meses depois da estreia da primeira temporada. Apesar de buscas em larga escala, financiadas pelo seu marido multimilionário, nunca tinha sido encontrada. Tinha 26 anos quando desapareceu; teria agora 32. Os teóricos da conspiração com quem Barb interagira no Reddit tinham diferentes opiniões acerca do que poderia ter-lhe acontecido.

Seaside: o Triângulo das Bermudas para mulheres jovens e belas.

— Assim que soubermos alguma coisa, emitimos um comunicado — diz Cameron Wallace. Tem os maxilares tensos. — É tudo o que posso dizer.

— Mas e a idade aproximada? — pergunta Barb, com a mente a trabalhar. — Era nova? Velha?

— Não posso comentar, Barb.

— Algumas características distintivas? Tatuagens? Sinais? — Kylie tinha uma tatuagem, um trabalho de tinta refinado que lhe descia verticalmente pelo pescoço, desde o lóbulo da orelha até à omoplata, como um pendente. *Serenidade*, em cursivo. Tinha feito um TikTok acerca disso um mês antes de desaparecer.

— Barb. — O inspetor leva-a para um sítio mais sossegado. Nunca lhe desagradara tanto ouvir o seu nome. — Estamos a dar o nosso melhor para manter isto fora dos jornais; é uma ordem direta do chefe. Já é suficientemente mau haver uma multidão de pessoas a filmar, graças ao *timing* de merda. Colabora connosco, pode ser?

Com a pré-inauguração do Wonderland no dia seguinte e a grande reabertura ao público no fim de semana, a última coisa de que o parque de diversões precisava era de dar motivos às pessoas para se manterem à distância. O que prejudica o parque, prejudica a cidade. A Polícia de Seaside irá provavelmente evitar comentar a descoberta de hoje até à semana seguinte e, mesmo então, será um fogo que desejarão ver rapidamente extinto.

— Percebido — diz Barb. — Mas tens de me dar alguma coisa que possa escrever, Cam. Caso contrário, a especulação pública será muito pior.

Suspirando novamente, o inspetor olha em volta. Tira os óculos de sol e fita-a. Ela tinha-se esquecido de como os seus olhos eram azuis.

— OK, está bem. Posso-te dizer isto...

Barb aproxima-se instintivamente, conseguindo sentir o *aftershave* de Cameron. É o mesmo que ele usava durante o breve tempo em que estiveram juntos: intenso, limpo. Ela inspira, perguntando-se agora como pudera descartá-lo tão facilmente.

— Um pouco mais perto — diz ele.

Ela aproxima-se mais. O inspetor inclina-se ligeiramente, deixando os seus lábios roçar os cabelos junto da orelha dela enquanto baixa a voz. Barb é percorrida por um arrepio.

— Quero a merda da minha *T-shirt* de volta. — O inspetor Wallace dá um passo atrás, volta a pôr os óculos de sol, e a sua voz regressa ao volume normal. — Estás à vontade para me citar em relação a isso. *Barb*.

CAPÍTULO 2

Apesar de ter acontecido há vinte e cinco anos, Barb ainda se lembra de todos os pormenores acerca da noite em que Lorelei morreu, desde o ambientador em forma de coroa no painel do carro, cujo aroma a pinheiro causou uma dor de cabeça a Nicolette, passando pelo cachorro-quente animado que dançou no ecrã durante o intervalo, às respirações pesadas no banco de trás de um carro tão grande que ocupava quase um espaço e meio de estacionamento no *drive-in*, um banco onde Lorelei curtia com um homem do dobro da sua idade.

De exterior cor de vinho e acessórios cromados, o *Lincoln Continental* era um veículo vistoso, bem conservado e personalizado, uma escolha curiosa para um *serial killer*. Mas, afinal, será que eles próprios sabem que são *serial killers*? Ou só o descobrem quando a imprensa lhes atribui alcunhas?

Uma semana depois de ter sido vista pela última vez no Starlight, o corpo de Lorelei foi encontrado a flutuar no campo de arandos alagado, a quatrocentos metros do *drive-in*. No dia seguinte, Samuel Figg — que nessa altura fora alcunhado de *Assassino do Parque de Diversões* — confessou o homicídio, juntamente com outros quatro.

Ao ser acordada pela mãe, a qual lhe disse que a polícia estava à porta porque Lorelei tinha sido assassinada, o seu primeiro pensamento de Barb fora: *Boa*. Era um pensamento horrível, formado ainda meio adormecida e muito antes de perceber que a mãe não estava a ser dramática só para a tirar da cama. Becky Bonifacio tinha a mania de dizer coisas desse género — *A casa está a arder! Levanta-te!* —, porém, desta vez não era isso. No entanto, a culpa e a vergonha que depois atingiram Barb permaneceriam com ela nas duas décadas seguintes, moldando-a enquanto pessoa de todas as formas possíveis.

«Tens muita sorte», disseram-lhe os agentes da polícia na altura. «Podias ter sido tu.»

Agora, sentada diante do psicólogo, Barb está novamente a pensar nessas palavras. O Dr. Leto cobra duzentos dólares por sessão para a ajudar a processar o trauma, mas não conseguiu ajudá-la a sarar esse pormenor. Talvez porque ela nunca lhe tinha contado tudo. Provavelmente nunca contaria.

— Não me surpreende que a descoberta de um cadáver desencadeie essas memórias. — O Dr. Leto espreita-a por trás de óculos de aros retangulares. — O que está a sentir neste momento?

— A polícia disse-me que eu tive sorte. — Barb tira um lenço da caixa colorida que está na mesa de café entre ambos. — Como se devesse sentir-me grata por a minha melhor amiga ter sido assassinada em vez de mim.

O Dr. Leto franze a testa.

— Supus que se referiam ao tipo físico predileto do Samuel Figg, dado que as outras vítimas eram mais parecidas consigo do que com a Lorelei.

— Quero dizer, claro que estou contente por não ter sido assassinada pelo tipo que se revelou um *serial killer* — riposta Barb. — Mas há alguma forma de dizer «Caramba, obrigada» sem parecer uma cabra?

As suas sessões mensais com o Dr. Leto — de primeiro nome Alexander, se bem que ela nunca foi convidada a tratá-lo assim — realizavam-se numa sala nas traseiras da vivenda dele: um espaço acolhedor e confortável, decorado com cadeirões de pele gasta e peças encontradas em lojas de antiguidades, e, claro, *Marvelous*, o gato siamês do psicólogo. *Marv* não vê bem, mas ouve tudo, e sempre que Barb está perturbada aninha-se no seu colo e ronrona até ela se acalmar.

Ela acaricia-lhe o pelo. Neste momento, *Marv* parece um motor enferrujado.

— Aquilo que as pessoas não compreendem, quando me dizem que tenho sorte ou que podia ter sido eu, é que *nunca* seria eu. — Barb enrola o lenço de papel até o tornar numa corda fina. — Eu nunca fui a rapariga que era convidada para as festas de regresso às aulas. Nunca fui a rapariga convidada para as festas fixes. Nunca fui a rapariga cuja fotografia aparecia no livro de curso mais de uma vez.

Também não era o tipo de rapariga que chamasse a atenção de um homem no Wonderland, o qual não tinha nada que andar a olhar para

raparigas da idade dela. Lorelei era a terceira vítima de uma matança que começara em Sacramento, passando por Portland e depois Seaside, e acabando em Seattle. Tinha sido surreal ver a fotografia da sua melhor amiga na primeira página do *Seattle Times* um mês depois de o seu corpo ser encontrado, quando as fotografias das cinco vítimas foram publicadas sob estrondoso título: POLÍCIA PÁRA PESADELO DO PARQUE DE DIVERSÕES. Lembra-se de ter sussurrado o título para si própria à mesa da cozinha enquanto a mãe fazia panquecas, apreciando a aliteração dos P na sua boca, tornando as palavras tão dramáticas de dizer como de ler.

Das cinco mulheres, Lorelei era a mais nova — vários anos mais nova — e a única loira. As outras quatro eram morenas, como Barb. Tinham olhos castanhos, como Barb, mas uma aparência jovial e desinibida, *nada* como Barb, que fora atormentada por uma irremediável falta de competências sociais desde que se lembrava.

«Que tragédia horrível», dissera Becky Bonifacio pesarosamente, espreitando o jornal por cima do ombro da filha enquanto batia a massa das panquecas com uma colher de pau comprida. «Essas pobres raparigas e as suas famílias. Tens muita sorte. E se ele te tivesse escolhido?»

Barb sabia que devia expressar tristeza ou dor naquele momento, qualquer emoção que pudesse demonstrar como entendia o quão horrível tinha sido o que acontecera à sua melhor amiga, mas enquanto o seu dedo suado manchava a imagem granulosa dos rostos das vítimas, só conseguia ter pena de si própria. Apesar de ser mais o seu tipo fisicamente, Samuel Figg não a escolhera.

Não era sequer suficientemente bonita o suficiente para ser assassinada.

Claro que nunca o disse à mãe. E também não o diz ao Dr. Leto. É um pensamento horrível, e ela é uma pessoa horrível por pensá-lo.

Após o funeral de Lorelei, a dor foi chegando em ondas ao longo do ano seguinte, muitas vezes atingindo Barb quando ela menos esperava. Acabou por passar. Assim como os pesadelos. Mas a culpa permanece, o segredo pesado, mesmo depois de tantos anos. Pergunta-se se acontecerá o mesmo com Nicolette, mas não há forma de saber; não falam desde o dia em que Nicolette saiu da cidade.

Bem no fundo, nos recantos sombrios do seu coração, onde nenhum psicólogo conseguiu ainda chegar, Barb não pode deixar de secretamente

pensar que Lorelei teve alguma culpa no que lhe aconteceu. A forma como a sua melhor amiga seduzia à descarada, sem qualquer vergonha. A forma como ficara perto da Wonder Wheel entre Barb e Nicolette, na sua saia curta e *T-shirt* recortada, o *piercing* do umbigo refulgindo ao sol enquanto lambia o cone de gelado de morango. A forma como a sua língua manchada de cor-de-rosa percorria o lábio inferior enquanto fazia contacto visual com o bonito desconhecido com quase o dobro da sua idade que as observava a partir da alameda principal do recinto. A forma como o sorriso dela o convidava a aproximar-se. A forma como ele se apresentara, «Sam», percorrendo o corpo de Lorelei com o olhar e depois o de Nicolette e novamente o de Lorelei, como se Barb não estivesse ali, como se Barb nem sequer existisse. A forma como Lorelei entrara para o banco de trás do carro dele nessa noite, no *drive-in*, forçando Barb e Nicolette a passar para os bancos da frente. A forma como as respirações pesadas de ambos embaciavam as janelas, dificultando a visão do filme que passava no ecrã gigante.

Sentirmo-nos pouco atraentes é uma coisa. Outra, completamente diferente, é sentirmo-nos invisíveis.

O Dr. Leto está a observá-la. Parece preocupado e compreensivo. Não há forma de confirmar se realmente se sente assim. Na opinião de Barb, os psicólogos são atores fantásticos. Sabe-o com conhecimento de causa: ao longo dos anos, frequentou vários.

A sua primeira psicóloga foi a Dra. Agar — primeiro nome, Elizabeth —, com a qual a mãe insistiu que ela falasse quando entrou em depressão depois da condenação de Samuel Figg. A seguinte foi a Dra. Chang — primeiro nome, Marianne —, com quem teve sessões enquanto fazia a licenciatura em Puget Sound State, em Seattle. Gostava da Dra. Chang, mas quando voltou para Seaside para cuidar da mãe, depois de terminar a faculdade, as três horas de viagem impossibilitaram que continuasse com ela.

Nos dez anos seguintes, experimentou outros quatro psicólogos, tratando cada consulta como uma entrevista de emprego até finalmente acertar com o Dr. Leto, cujo consultório ficava apenas a quinze minutos, a sul de Seaside. Já está com ele há seis anos — na verdade, mais ou menos desde o desaparecimento de Kylie Kahl — e, de todos os psicólogos que conheceu, foi quem mais a ajudou.

É por isso que está arrasada, pois ele está prestes a reformar-se.

Ele ainda não lhe deu a notícia, mas o trabalho de Barb é saber coisas, e ela sabe que o Dr. Leto e o marido planeiam mudar-se para Portugal, onde, durante as férias em Lisboa no mês anterior, compraram uma pequena casa de três quartos com uma boa cozinha e vistas parciais para o rio. Uma fotografia recente na conta de Instagram do marido, que Barb descobrira pouco depois de ela e o Dr. Leto começarem a trabalhar juntos, mostra o feliz casal montado num par de *scooters*, com capacetes vermelhos iguais e a apontar o cartaz que anunciava VENDIDA. O Dr. Leto estará em breve a viver a sua melhor vida. Bom para ele.

Toda a gente consegue a sua melhor vida, menos Barb.

O Dr. Leto não fica perturbado com silêncios longos, uma capacidade que Barb gostaria de aprender. Também tem a mais agradável *poker face* que ela já viu. Impávida, mas interessada. Neutra, mas compassiva. Sempre sem julgamentos.

— Será loucura eu achar que o corpo encontrado esta manhã pode ser o da Kylie Kahl? — pergunta-lhe. — Sei que não é saudável ainda estar obcecada com o seu desaparecimento. Nem sequer a conhecia.

— Via-a naquele *reality show* todas as semanas — diz o Dr. Leto. — É compreensível que sinta uma espécie de ligação. Mas não o descreveria como uma obsessão. É mais como... uma distração.

Era um pouco mais do que uma distração, mas OK.

— Imagino que procurar atualizações sobre o desaparecimento da Kylie lhe dá uma sensação de controlo que não teve em relação à Lorelei — continua o Dr. Leto. — Não há uma maneira única de processar o trauma; há apenas a sua maneira pessoal. E fez um excelente trabalho nestes últimos cinco anos que passámos juntos.

— Seis.

— Seis anos, sim. — O Dr. Leto sorri. — Percorreu um longo caminho. É por isso que sei que ficará bem.

Aí vem.

— Não é fácil dizer isto, especialmente aos pacientes de longa data como a Barb, mas... — O Dr. Leto faz uma pausa e é a primeira vez que Barb vê o psicólogo exprimir qualquer espécie de hesitação ou nervosismo. — Barb, está na hora de eu me retirar da prática privada. A sua próxima consulta regular será a nossa última sessão.

Claro que ela sabia que isto ia acontecer. Mas mesmo assim. *Mesmo assim*. A dor de mais uma pessoa a deixá-la para trás é mais do que o que estava preparada para sentir.

— Compreendo que isto seja uma surpresa. — O tom do psicólogo é gentil. — Quer falar acerca disto ou precisa de mais tempo para processar?

Barb reencontra a sua voz.

— Estará de alguma forma disponível depois da nossa última sessão? — Nas mãos dela, o lenço de papel rasga-se ao meio. — Por exemplo, para uma videochamada de emergência?

— Receio que não.

Passam dez segundos. Vinte. Depois trinta. No colo dela, *Marvelous* levanta a cabeça, fareja o ar e começa outra vez a ronronar.

— Acho que é o momento de lhe dar os parabéns — diz ela por fim, acariciando o pelo do gato. — Vou sentir a falta deste amiguinho. E a sua também, claro.

— Nós também sentiremos a sua falta. — O Dr. Leto suspira e Barb compreende que devia estar nervoso. Ele vê as horas. — Ainda temos alguns minutos. Como se sente em relação ao documentário do Samuel Figg?

— A produtora da série voltou a contactar-me — diz ela. — Ligou-me para o *Chronicle*.

— Talvez contar a história da Lorelei ajudasse.

— Ajudasse quem? — O tom de Barb é mais acutilante do que pretendia. Respira fundo. — Não é a história dela que pretendem contar, mas a dele. A base do *Criminal Confessions* é dar protagonismo aos vilões, não às vítimas.

— Pensei que gostava desse programa.

— E gosto. — Ela detém-se. — Gostava. Acho que estou só preocupada — *que toda a gente descubra* — com o que ele vai dizer acerca da Lorelei. Que ele tente — *dizer a verdade acerca dessa noite* — arranjar desculpas para o que fez, e culpá-la a ela. — Barb engole em seco. — Ele é um assassino. Não merece a compaixão de ninguém. Na verdade, estou a pensar visitá-lo. Tenho... perguntas.

O Dr. Leto endireita-se na cadeira.

— O que é que lhe perguntaria?

— Pormenores acerca daquela noite que só ele poderia saber — responde Barb. — E porque é que a escolheu a ela, imagino.

O psicólogo pousa o seu copo.

— Pela minha experiência — diz, parecendo escolher as palavras cuidadosamente —, alguém capaz de crimes desta magnitude não é uma pessoa em que deva confiar para lhe dizer a verdade acerca de nada. Se lhe perguntar por que escolheu a Lorelei, ele não terá uma resposta que a faça sentir-se melhor. Aliás, poderá sentir-se pior.

Barb não diz nada.

Ele tenta novamente.

— A Barb aprecia quando sou direto, por isso deixe-me ser direto. Visitar o Samuel Figg é uma ideia de merda. Vamos tirar isso de cima da mesa imediatamente.

O telemóvel de Barb toca antes de ela poder responder. Está sempre em modo *Não Perturbar* quando está em terapia, mas há contactos que conseguem o acesso.

— Desculpe, preciso de ver o que é — diz ela, e o Dr. Leto assente com a cabeça.

É uma mensagem de Greg, o editor-chefe do *Chronicle*. Barb nunca lhe permitira ter acesso de emergência até que ele atribuiu uma grande história a outra pessoa por não conseguir contactá-la.

Soube que um pé decepado também foi encontrado em Legacy Sands. Consegues ir à morgue num pé e vir no outro?

Barb revira os olhos diante da piadinha e vê as horas. O hospital fica a quinze minutos de distância. Escreve uma resposta.

Vinte minutos. E tu és horrível.

A resposta dele é imediata.

Tens razão. Não entrei com o pé direito.

PÁRA. Vais para o inferno por
fazeres piadas destas.

Eu sei. Já vendi a minha alma.

— Tenho de ir andando — diz Barb para o Dr. Leto. Retira cuidadosamente um *Marv* adormecido do colo. — O meu editor quer mais informações sobre o corpo desta manhã.

— O nosso tempo também acabou — diz o Dr. Leto. — Vemo-nos no mês que vem? E pense se quer uma indicação para outro psicólogo. Estou a pensar numa pessoa, e posso deixar-lhe o contacto dela.

Não posso, pensa Barb antes de sair do consultório. *Não posso ter mais um psicólogo, já chega.*

Porque se não conseguira contar ao Dr. Leto a verdade depois de tantos anos a trabalharem juntos, não haveria qualquer possibilidade de chegar lá com alguém novo. O Dr. Leto ainda não compreende. Barb não quer visitar Samuel Figg para lhe perguntar porque é que matou Lorelei.

Quer perguntar-lhe porque é que tinha confessado um crime que não cometera.

CAPÍTULO 3

Ted Bundy. Gary Ridgway. Robert Lee Yates. Kenneth Bianchi. Edward Shank. Num estado que produziu uma tão grande quantidade de *serial killers*, Samuel Figg quase não entra no *ranking*. Não está sequer perto de ser um nome conhecido. Os seus crimes não foram dissecados em *bestsellers* sobre crimes reais, nem em documentários, nem surgiu em filmes de Hollywood feitos para entreter audiências com gosto por retratos romantizados de monstros humanos. Tanto quanto Barb sabe, não houve nenhum episódio de *Dateline* acerca do Assassino do Parque de Diversões, nenhum *podcast*, nada.

Até agora.

— Sabes que a produtora também me queria entrevistar? — diz-lhe o Dr. Hassan Nassif. — Porque eu trabalhei na quinta dos Millers nesse verão? Nem sequer fui eu que encontrei os restos da Lorelei, foi o Jonathan.

Restos. Barb nunca gostara dessa palavra. Inclina o pescoço, tentando espreitar por trás do corpulento médico legista que se mantém à porta da morgue onde o cadáver de Legacy Sands jaz numa mesa de autópsias metálica. Só conseguira vislumbrar um dedo do pé antes de Hassan a interceptar no corredor.

— A Jana Jones também te telefonou? — diz Barb. — É persistente, tenho de reconhecer isso.

— Disse-lhe que não, claro.

— Também eu — diz Barb. — Vá lá, Hassan. Só preciso de ver o corpo por um minuto.

— Para quê? Nem sequer sabemos quem ela é.

Para ver se é a Kylie Kahl, pensa Barb, mas não pode dizê-lo.

— Preciso de alguma coisa para o *Chronicle*. Ajuda lá aqui a tua amiga. Por favor? — Puxa, brincalhona, o crachá de identificação do Hospital de Seaside preso na bata branca do médico, oferecendo-lhe

o seu sorriso mais conquistador, aquele em que os seus olhos ficam grandes e redondos e esperançosos.

— Pára com esse arzinho querido, isso já não funciona comigo. A polícia foi clara. Nada de visitantes. — Hassan cruza os braços. — Barbie, sabes que o faria se pudesse. Mas a ordem veio de cima. Com a reabertura do Wonderland, não se podem permitir fugas de informação.

— Está bem — diz Barb, desistindo finalmente. — Há algo acerca da vítima que *possas* dizer-me? Sou paga por palavra. Se não escrever, não como.

— O Greg não sabe que já ninguém lê jornais? — Hassan abana a cabeça. — Só posso confirmar que a vítima é do sexo feminino. Algures entre os 25 e os 35, é a minha suposição, mas nem penses em escrever isso.

Kylie encaixava nessa faixa etária.

— Quanto tempo estive na água?

— Algum.

— Cabelo preto? — pergunta, apesar de saber a resposta.

O médico encolhe os ombros.

— E tatuagens?

— Vá lá. — Hassan cerra os lábios. — Não te vou dizer isso.

Ela toma nota mental para ligar ao seu contacto na Polícia de Seaside. Pelo preço certo, Alice Chu, a informática, por vezes passa a Barb informações que a polícia não quer partilhar. Como fotografias de cenários de crime.

— Pelo menos dizes-me se ela tinha cabelos pretos naturais ou não? — Barb evoca uma imagem mental de Kylie em *Trophy Wives*, na qual as raízes castanho-claras eram sempre um indício de ter o cabelo pintado.

O médico faz um sorrisinho.

— Queres saber se o tapete combina com os cortinados?

— Que nojo. A sério, porque é que ainda és assim? — Barb lembra-se de um Hassan adolescente na cafetaria da Secundária de Seaside, a atirar piadas de mau gosto para a mesa do lado. Licenciatura em Medicina ou não, o amigo não mudara. — Não era assim que o diria, mas sim.

— Bem, não sei. Não há tapete. — Hassan vê a expressão dela e junta as mãos. — Ei, tu perguntaste.

Ele tem razão. Ela perguntou.

*

Se Wonderland é a joia da coroa de Seaside, então o Lucky's Kitchen é o seu teimoso coração pulsante. Localizado mesmo à saída da I-5, o popular restaurante de beira de estrada é o primeiro lugar onde se vai ao chegar a Seaside ou o último antes de se partir. A gigantesca tabuleta oval que nos saúda à entrada diz isso mesmo:

LUCKY'S KITCHEN, DESDE 1958

À chegada ou à partida, estamos aqui para si

Barb examina a sala apinhada, mais ruidosa do que habitualmente, com conversas, risos, pratos a bater e cozinheiros aos gritos na cozinha aberta que ocupa toda a parede traseira. Um balcão antiquado em U, com bancos de vinil vermelho em forma de cogumelos, e mesas de fórmica com assentos de vinil azul-claros debruam o perímetro. Alguns escritores não conseguem trabalhar em sítios barulhentos, mas Barb é o oposto. Quanto mais pessoas, melhor.

Finalmente avista um lugar para duas pessoas que um jovem casal está a vagar, perto do fundo do restaurante, e dirige-se para lá, murmurando *olás* e *bons-dias* aos outros clientes habituais enquanto passa. Acena a Daniel Hawksfield, o seu antigo professor de Inglês na escola secundária, o qual está sentado com a mulher e os filhos. Gerações de famílias de Seaside e sabe Deus quantos turistas têm passado por estas mesas ao longo dos anos. O Lucky's está sempre aberto, o que o torna um lugar popular entre os adolescentes demasiado jovens para os bares da Main Street.

O restaurante era um dos locais favoritos de Lorelei para passar o tempo. Mas se Barb evitasse todos os lugares de Seaside com algum significado para a sua melhor amiga, não teria aonde ir. É assim a vida numa cidade pequena: tudo e toda a gente entrelaçado como numa tapeçaria, tornando perigoso puxar os fios.

Uma empregada vestida com *jeans* e uma *T-shirt* com um trevo, imagem de marca do restaurante, aproxima-se da sua mesa com um jarro de café. Noni trabalha no restaurante há mais anos do que Barb tem de vida, e era uma das melhores amigas da sua mãe.

— Bom dia, querida — diz Noni enquanto enche a chávena de Barb. Como sempre, os seus óculos de leitura estão precariamente empoleirados na ponta do nariz. Pelo menos estão presos por uma corrente de ouro em volta do pescoço, que Barb lhe ofereceu no Natal passado depois de Noni ter deixado cair o terceiro par. — Que história é essa de um corpo em Legacy Sands?

As notícias viajam depressa. A informação atravessa as vinhas de Seaside a uma velocidade superior à de qualquer Wi-Fi.

— Ainda não sei nada — diz Barb enquanto Noni pausa o jarro e flete os dedos. A mão direita da mulher mais velha parece tremer mais do que o habitual, mas Barb sabe que não deve mencioná-lo. — A polícia não emitiu qualquer comunicado e a morgue está em *lockdown*.

— Mas tu não tens informação privilegiada? Pensei que namoravas com aquele bonitão. — Noni pisca o olho. — O inspetor.

Barb estremece.

— Isso... bem, não resultou. E claro que não foi por isso que andei com ele — acrescenta.

— Não seas tão picuinhas. Não estás a ir para nova e o relógio está a avançar. — O seu tom de repreensão recorda-lhe tanto a mãe que a magoa. Como se lesse a mente de Barb, a voz de Noni suaviza. — E sabes que a Becky diria a mesma coisa. Que Deus tenha a sua alma em descanso.

Apesar de ser quase hora do almoço, Barb pede o habitual — ovos mexidos com queijo e molho picante, *bacon*, batatas fritas caseiras com cebola e torrada com manteiga — e depois atira uma quantidade generosa de natas e açúcar para o café. Não, não é uma refeição saudável, e sim, toda a sua roupa está a ficar apertada, mas está sem qualquer motivação para tentar outra dieta. Bebendo um gole de café, abre novamente o *e-mail* da produtora e suspira.

De acordo com Jana Jones, a série documental de que toda a gente em Seaside fala começará a ser emitida no mês seguinte, no Quan.

Alguns anos antes, Barb pensara que talvez pudesse ser ela a contar a história de Lorelei. Num arrojo de inspiração, escrevera uma proposta que incluía uma sinopse de dez páginas e cinco capítulos de um livro de memórias *true crime* que intitulara, sem grande imaginação, *O Assassinato da Minha Melhor Amiga*. Enviara-o para uma centena

de agentes literários, a maioria em Nova Iorque. Metade nem sequer respondeu. Da outra metade, quarenta e nove eram rejeições. Todos eles tinham uma variedade de razões para declinar, mas a mais comum era o facto de Samuel Figg não ser suficientemente famoso. A investigação não atingira proporções suficientes.

«Pesquisei no Google e ele confessou, não foi?», escreveu um agente. «Lamento pela sua amiga, mas não vejo por onde pegar — os *true crime* centrados na vítima tendem a ser deprimentes. Contudo, tem um excelente estilo. Já pensou em tornar isto num romance “vagamente baseado” no assassinato da sua amiga? Os leitores nunca se fartam de *serial killers*, e uma protagonista adolescente pode ser apelativo...»

Inspirada pela sugestão, Barb mudou de abordagem e pôs-se ao trabalho. Escreveu cinquenta páginas e voltou a contactar o único agente que demonstrara interesse.

Um mês mais tarde, o agente voltou a ligar para lhe dizer que tinham recebido uma proposta de contrato de uma editora pequena, com um possível adiantamento a partir dos dez mil dólares. «Mas querem ler mais cinquenta páginas e uma descrição detalhada antes de avançarem», explicou o agente.

Barb pôs-se ao trabalho. Terminou mais cinquenta páginas e uma sinopse, e enviou-as. A editora ficou satisfeita, e o novo agente de Barb conseguiu negociar um adiantamento mais elevado.

Mas, antes de o contrato ser finalizado, veio a Covid. A editora retirou a oferta e mais tarde fechou completamente. Seis anos depois, o livro permanece inacabado. Parece uma metáfora da vida de Barb: é ótima a fazer planos, mas não tão boa a levá-los a cabo.

Pergunta-se pela milionésima vez como seria a sua vida agora se não tivesse ficado encalhada em Seaside. Estaria a escrever policiais *bestsellers* na sua casa de praia nos Hamptons e teria um namorado parecido com o Keanu Reeves? É fácil culpar a doença da mãe por nunca ter saído da sua cidade natal, mas fez trabalho suficiente com o Dr. Leto para saber que a culpa pelo que acontecera a Lorelei a mantivera ligada pelo trauma a Seaside, como se tivesse sido aí embutida.

Agora outra pessoa vai contar a história do Assassino do Parque de Diversões e, por conseguinte, a de Lorelei. Ela já tivera uma longa troca de mensagens com Jana Jones algumas semanas antes, a que Barb

pusera fim com uma ameaça de processo. Pelo quê, exatamente, Barb não sabia. Assédio? Desenterrar uma ferida antiga? Forçá-la a pensar em coisas em que não queria pensar, quanto mais divulgar ao mundo inteiro?

E, contudo, a produtora da série documental não desiste. Ali está outro *e-mail* de Jana Jones. Na linha do assunto diz: «Uma última tentativa...»

Olá outra vez, Barb

Queria apresentar-lhe uma última oportunidade de partilhar os seus pensamentos diante da câmara. Sendo uma colega jornalista, sabe como é importante para esta história. Era a melhor amiga da Lorelei. Conheceu o Samuel Figg ao mesmo tempo que ela. Foi, provavelmente, a última pessoa a vê-la viva, tirando quem a matou.

Por favor, pense nisto, Barb. Francamente, estamos um pouco perplexos por nenhuma pessoa que ainda vive em Seaside querer falar connosco acerca de um crime que aconteceu a um dos vossos.

Se continuar a não estar interessada, teremos de salientar que declinou a participação.

Espero mesmo ter notícias suas.

Jana Jones

Produtora Executiva, Quan

Barb resiste ao impulso de atirar o computador para o outro lado do restaurante. «Declinou a participação»? Porque é que essa frase soou vagamente ameaçadora, como se o documentário fosse insinuar que Barb — e aparentemente o resto de Seaside — tinha algo a esconder? Jana Jones pode estar «perplexa» por ninguém querer falar acerca de Lorelei, mas isso só torna claro que ela não percebe nada de cidades pequenas nem dos seus habitantes. Caraças, qualquer dos repórteres que viera a Seaside uma década antes podia ter-lho explicado.

Barb apaga o *e-mail* sem responder.

O escândalo do Wonderland — que é como os locais lhe chamam — quase matou Seaside. Quando o parque de diversões foi fechado, a perda da maior fonte de rendimento da cidade afetou tudo e todos.

Fecharam restaurantes, encerraram motéis, e metade das lojas da Main Street tinham as montras tapadas com tábuas. As famílias mais jovens foram forçadas a mudar-se em busca de emprego, deixando para trás os reformados que não tinham dinheiro para ir para lado nenhum. Seaside sempre tivera um problema de drogas, mas piorou quando os viciados em metadona subiram de Portland e desceram de Seattle para ocupar as casas deixadas vagas. Enquanto o valor das casas descia a pique, o crime aumentava, e, de certa forma, era exatamente isso o que Seaside merecia.

Não que Barb o dissesse nos seus artigos de opinião para o *Chronicle*, claro. Não era justo descarregar nas pessoas que ainda ali viviam. Mas o *karma* atingira a cidade. Seaside protegera o Wonderland durante décadas e, com isso, prosperara. Na opinião de Barb, essa época de prosperidade nunca poderia durar para sempre.

Nada dura.

Até à data, o escândalo do Wonderland fora a única vez em que Seaside tinha chegado às notícias nacionais. Mas bastava perguntar aos locais, e eles poderiam contar mais uma dúzia de histórias de homicídios em Seaside que dariam fantásticos documentários de *true crime*. Bernarda Pippen, por exemplo, envenenara lentamente o terceiro marido no decurso de um ano, depois de conseguir matar os dois primeiros exatamente da mesma maneira. Depois havia o caso de Donna Brandt, que o marido decapitara com um machado na quinta de ambos depois de a apanhar a dormir com o irmão dele. E todos os locais se lembravam de Ezekiel Thomas, de 14 anos, que esfaqueara o próprio pai e dera o corpo a comer aos cães. Sofrera anos de abuso sexual, algo que todos em seu redor aparentemente sabiam, mas ninguém fez nada.

Estatisticamente, a taxa de homicídios em Seaside é a segunda mais alta no estado de Washington, apenas atrás de Seattle. E quando se comparam os números aos das cidades pequenas, as estatísticas são ainda mais alarmantes: em Seaside a morte devida a atos criminosos é vinte vezes mais frequente do que em qualquer outra cidade de tamanho similar. É, basicamente, a capital do homicídio de Washington, mas não se encontram essas palavras impressas nos alegres autocolantes para os pára-choques nem nos ímanes que se vendem nas lojas de *souvenirs* de beira da estrada que finalmente começaram a reabrir. Porque ninguém em Seaside gosta de falar nisso.

E talvez tenha sido sempre esse o problema. Caraças, talvez Jana Jones tenha razão em perguntar-se porque é que ninguém quer ajudar a contar a parte de Lorelei na história de Samuel Figg... mas a verdade é que não resta ninguém em Seaside que tivesse conhecido Lorelei o suficiente para a contar. Todos os que amavam Lorelei mudaram-se ou morreram.

Exceto Barb.

Mas o que é que lhes contarias?, ouve Lorelei perguntar na sua cabeça quando o pequeno-almoço chega. *Contarias o mesmo que contaste à polícia naquela altura ou contarias a verdade?*

CAPÍTULO 4

Pela primeira vez em mais de uma década, os portões do Wonderland estão abertos.

Embora tenham mantido o mesmo nome — algo em que a câmara municipal insistira quando votaram pela venda do parque —, os novos proprietários tinham renovado tudo o resto. Houve alguns protestos dos habitantes mais antigos de Seaside por mexerem no mítico Wonderland, mas a maioria não reclamou. O que precisasse de ser feito para pôr o lugar novamente a funcionar estava bem para eles. Como agradecimento à cidade pelo seu apoio, a entrada na pré-inauguração será gratuita para todos os residentes que mostrem um comprovativo de morada.

Não que alguém vá examinar muito atentamente as identificações. Independentemente do nome que nelas conste, o Wonderland precisa de gente para sobreviver. Sem pessoas, o parque de diversões fica morto e os equipamentos serão apenas estátuas que recordam a todos os que conduzem na I-5 que ali morreu gente.

Que passaram por ali *serial killers*.

Barb mostra o seu cartão de imprensa do *Chronicle* e é convidada a passar o portão por um funcionário vestido de cor de laranja que já parece assoberbado. Depois passa por um dos doze novos detetores de metais, antes de ser saudada por dois outros elementos do *staff* com polos cor de laranja vivo. Nos velhos tempos, o uniforme era roxo. Mas, como o novo logótipo sugere, é um novo dia, *baby*.

— Tem postos para se reabastecer gratuitamente de água por todo o parque — diz-lhe a funcionária adolescente enquanto lhe entrega um saco de pano cheio de estilo. Lá dentro está uma *T-shirt*, uma garrafa de água reutilizável e um mapa colorido dobrado em três. — É importante manter a hidratação.

Barb lê o nome preso na blusa do uniforme da rapariga.

— Obrigada, Chloe. — Falando para o telemóvel, grava o que a rapariga acabou de lhe dizer na *app* de gravação de voz.

— Lembro-me de si. — A rapariga está a olhar para o cartão de imprensa plastificado que pende do pescoço de Barb. — Foi à minha escola falar acerca de escrita para jornais. Para uma aula de Oficina de Escrita do professor Hawksfield.

Barb não se lembra especificamente da situação, mas não duvida de que tenha lá estado. Daniel Hawksfield — ou «Hawk», como todos os seus alunos lhe chamam — convida Barb regularmente para falar à turma do 12.º ano acerca da escrita enquanto profissão. Não é a coisa que mais gosta de fazer — fingir entusiasmo por uma carreira no jornalismo é esgotante —, mas a escola secundária tem um pequeno orçamento para oradores profissionais, e ela nunca diz que não a uma atividade paga.

— Fui útil? — pergunta à rapariga.

— Disse que o verdadeiro jornalismo morreu — diz Chloe, e Barb contém uma gargalhada. — Mas o Hawk disse-nos mais tarde que é o seu cinismo o que a torna uma grande escritora. — Suspira. — Ele é o meu professor preferido.

A rapariga não está sozinha nesse sentimento. Barb lembra-se de quando viu Hawk no restaurante com a sua mulher, muito mais jovem, e os filhos pequenos. Tinha casado com uma das suas antigas alunas, o que fora um grande escândalo, pelo menos até surgir o seguinte.

— Queres a tua fotografia no *Chronicle*?

Chloe ajeita a viseira cor de laranja, e o sorriso aberto volta ao seu rosto enquanto Barb tira algumas fotografias com o telemóvel. Depois avança, pensando nas instruções do editor-chefe enquanto examina o espaço em volta.

«Lembra-te de que é um artigo elogioso», dissera-lhe Greg diretamente na reunião de equipa, no início da semana. Embora a palavra *equipa* pudesse ser um tanto ou quanto exagerada — já não há pessoal permanente no *Chronicle*. Nos seus tempos áureos, o jornal tinha trinta funcionários, mas agora todos os colaboradores são *freelancers*, com outros empregos para ajudar a pagar as contas. O *Chronicle* publicava sobretudo *online*, à exceção da dolorosamente exígua edição em papel que saía todos os sábados. «Põe de lado a tua integridade jornalística e pensa só em coisas calorosas e fofinhas. Não menciones assassinos em série. Não menciones

aquela porcaria de documentário. Não menciones o homicídio da tua melhor amiga», disse, lançando-lhe um olhar acutilante. «E, pelo amor de Deus, não menciones o escândalo do Wonderland. Compreendes?»

Barb compreendia a tarefa. Os jornalistas do *Chronicle* cobriam sobretudo angariações para a igreja, jogos de futebol da escola secundária e os últimos desenvolvimentos da proposta para construção de um novo casino. Barb escrevia artigos de interesse geral, cobrindo a celebração do 103.º aniversário de Dell Walker — o que o tornava a pessoa mais velha de Seaside — ou o gato vadio que afugentara um puma do quintal de Marissa Sol, salvando a vida do seu bebé. Mal tinham tocado no escândalo do Wonderland, deixando isso para os jornais da cidade grande, cujos jornalistas tinham invadido Seaside nas semanas de rescaldo. O *Seaside Chronicle* é para os residentes. Eles não querem ler acerca das coisas horríveis que acontecem na sua cidade.

De outra forma, ninguém seria capaz de viver aqui.

Barb passeia pelo parque, murmurando descrições para o telemóvel. As renovações foram extensas e, para onde quer que olhasse, havia algo novo a descobrir. Opções veganas e sem glúten no pavilhão da restauração. Uma variedade de cervejas artesanais locais no novo jardim da cerveja. Havia o dobro das casas de banho, algumas delas mistas. Uma série de concertos verão-outono no novo palco. Depois a Festa de Halloween, seguida da Festa de Inverno e uma série de eventos na primavera chamada Filmes no Parque Depois de Escurecer. Estavam também planeados festivais de cerveja e de vinho, festivais de artes e artesanato, festivais de comida, festivais culturais, basicamente todo o género de festival, tudo o que permitisse uma entrada regular de pessoas no parque e em Seaside ao longo de todo o ano.

Mas o Wonderland não é o Wonderland sem as atrações. Os novos símbolos, cujos códigos de cores foram pintados no chão recentemente asfaltado, facilitam que cada um chegue aonde quer chegar. Para as atrações infantis, segue-se os arco-íris, a roda gigante verde é para as atrações para adultos, as ondas azuis para o parque aquático e as abóboras cor de laranja para Elm Street.

Elm Street, *uau*. Barb pára junto dos portões que conduzem à secção de terror do parque. De certa forma, consegue compreender porque é que os novos proprietários optaram por mantê-la; parte do encanto do

Wonderland é ter conseguido sempre fundir aquela aura de feira pitoresca de cidadezinha com um parque temático moderno. A tabuleta no portão anuncia que Elm Street — que apresenta a Casa dos Horrores, o Castelo do Drácula, a Casa de Cera e Le Cirque de Sang — abrirá a tempo do Halloween.

A única atração que não regressará é o Museu dos Palhaços. Toda a estrutura, assim como a tristemente célebre sala chamada Casa de Bonecas, fora demolida dez anos antes, e a sua imensa coleção de palhaços antigos e bonecas de porcelana vendida a colecionadores privados.

E os túneis por baixo da mesma, onde as Coisas Verdadeiramente Más tinham acontecido, estavam completamente tapados.

Barb dirige-se para a alameda principal, onde toda a gente parece sentir-se como ela: confusa e assoberbada. É como se estivessem todos naquele programa, *Extreme Makeover*, e tivessem finalmente regressado a casa para a grande revelação. Sabiam que seria diferente — e que ser diferente era o objetivo —, mas muitas coisas continuam exatamente como ela as lembra. O aroma a massa frita e algodão doce, misturados com cachorros-quentes na grelha. A música de Ricky Martin a berrar no Spinning Sombrero. O gato néon a dançar no topo da tenda do Tiny Tom Donuts. Os donos das barracas de jogos a atraírem-te para gastares vinte dólares na tentativa de ganhar um brinquedo que podias comprar em qualquer loja por dois dólares.

E, claro, a famosa Wonder Wheel, cuja silhueta majestática faz parte do horizonte de Seaside desde a sua construção, sessenta anos antes. Foi, durante muito tempo, a maior roda gigante no Noroeste do Pacífico. Vê-la agora é chocante, desenterrando memórias que Barb passou anos a tentar enterrar por não poder voltar atrás; não pode mudar nada.

Fitar os eixos e as cadeiras coloridas a balançar na brisa enquanto a roda gira lentamente é como ter novamente 15 anos e estar no parque com as suas duas melhores amigas, no dia fatídico em que conheceram Samuel Figg, todas elas com um futuro brilhante como o sol quente de verão, todas elas tão jovens, tão vivas.

Tão vivas.

UM ASSASSINO EM SÉRIE QUE RENEGA A PRÓPRIA CONFISSÃO.
DUAS AMIGAS ASSOMBRADAS POR UM ACONTECIMENTO BRUTAL.
UM SEGREDO GUARDADO DURANTE VINTE E CINCO ANOS.

Há vinte e cinco anos, numa pequena cidade chamada Seaside, três adolescentes inseparáveis conhecem Sam, um forasteiro, no Wonderland, um parque de diversões. Dias depois, o corpo sem vida de uma delas é encontrado a flutuar num campo de arandos alagado, não longe do parque.

Barb e Nicolette ficam em choque ao descobrir que o homem que tinham conhecido era afinal um *serial killer* a quem chamavam o Assassino do Parque de Diversões. Depois da sua prisão pela morte de cinco jovens — umas das quais, Lorelei, a sua amiga —, Nicolette abandona Seaside atrás de um sonho: ser famosa. Barb permanece, acabando por se tornar repórter no jornal local. Com o passado atrás de si, seguem com as suas vidas.

Mas quando o Assassino do Parque de Diversões volta atrás na sua confissão e outro corpo aparece na praia, na véspera da reabertura do Wonderland, os segredos que Barb e Nicolette tanto tentaram esconder vêm ao de cima, ameaçando destruir tudo aquilo que ambas procuraram reconstruir nas suas vidas.

«Um dos livros mais antecipados de 2026.»

THE NEW YORK TIMES

DA MESMA
AUTORA:



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

Instagram Facebook YouTube Twitter penguinlivros

ISBN: 978-989-589-969-2



9 789895 899692